

AMADEU E OS LIVROS

Antônio Álvares da Silva

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

Morreu na semana passada, com mais de noventa anos, o livreiro Amadeu Rossi Cocco. Com sua morte, a cidade perde um de seus ícones mais conhecidos. Para os que gostam de livros, a perda é irreparável.

Desde os anos sessenta, quando comecei o curso na Faculdade de Direito, comecei a frequentar sua livraria. Ali, na rua Tamoios, quase esquina com Afonso Pena. Depois, mudou-se para o número 748, perto da Olegário Maciel. São trajetos e locais que guardo firme na memória, pois são incontáveis as vezes que lá estive.

Visitar a livraria e conversar com ele antes de iniciar a busca aos livros antigos e raros eram dois prazeres constantes de minha vida. Praticamente todos os juristas, literatos e políticos de Minas, até mesmo governadores, estiveram em sua livraria. Tinha uma história sobre cada um deles, sempre ligada a livros e autores preferidos, que contava com alegria e prazer.

Sua vida é uma saga, cheia de lances e movimentos. Filho de operário italiano, ficou órfão muito cedo. Veio para a cidade tentar a vida. Fez de tudo. Acabou nos livros, trabalhando para as lojas do ramo então existentes, até que criasse seu próprio comércio de obras antigas, raras ou usadas. Daí não saiu mais, até a morte.

O sebo da rua Tamoios era um local curioso, diferente de tudo que se conhecia. Embora um beco estreito, lá dentro se abrigava um acervo de mais de 60 mil livros. A ordem não era o ponto máximo. Mas Amadeu, com sua memória privilegiada, sabia de tudo, neste universo imenso e diversificado. Era falar o nome e já ia ele, rápido e decidido, apanhar o volume, em algum lugar, nas estantes cheias, muitas vezes com livros empilhados sobre os que lá já estavam. E aparecia, como um mágico, exibindo-o em suas mãos ligeiras.

Sempre, diante desta cena, lembrava-me do provérbio alemão: no meu caos, a minha ordem. De fato, não se podia falar em desordem quando se encontrava tudo que era desejado em apenas alguns instantes.

Magro, de olhos claros, sua figura amena impunha o respeito natural das pessoas de mais idade, coerentes e felizes com sua vida. Durante todos estes anos, vi-o no trabalho diário sem descanso. Nos últimos tempos, não vinha à livraria aos sábados. Mas telefonava várias vezes para saber dos filhos, Lourenço e Amadeu, como andava o movimento. Era um batalhador sem tréguas, daí provendo a saúde e a longevidade que sempre gozou.

Tenho dele recordações pessoais que jamais esquecerei. Certa vez encontrei, na estante jurídica, em meio a vários outros livros, uma preciosidade: a obra literária de Pontes de Miranda, o maior jurista brasileiro, que procurava há vários anos. Não me cobrou quase nada, embora soubesse que pagaria o preço que fosse. Disse que o livro, em minhas mãos, estava no lugar certo.

Outra feita presenteou-me com o livro de Fernando Azevedo, "No Tempo de Petrônio", em primorosa encadernação, que guardo com orgulho, por ocasião dos 50 anos da livraria. Sabia do meu gosto pelos clássicos latinos que adquiria sempre na sua livraria: Cícero, Ovídio, César, Virgílio, Sêneca, Horácio. Bastava que um exemplar chegasse, para ele anunciar-me a novidade, reservando-me a preciosidade.

No início da Semana Santa, pensei em telefonar-lhe para saber se a livraria iria funcionar no sábado. Iria repetir a visita de vários anos. Quando abri os jornais da quarta-feira, soube da infausta notícia de sua morte. Tive que adiar o encontro. Para sempre. Talvez, um dia, em algum lugar deste imenso universo, independentemente do tempo e da vida, possam se encontrar todos os que amaram os livros e fizeram deles a razão de viver. Então, não precisaremos mais de adiar encontros.